
Entre o explícito e o implícito: proposta para a análise de enquadramentos da mídia¹

Ana Carolina Vimieiro²

Marcela Dantas³

Resumo: A partir do levantamento do estado da arte sobre a *framing analysis* na área de comunicação e política, propõe-se metodologicamente como operacionalizar as análises sobre os enquadramentos em debates mediados sobre temáticas de concernência pública. A idéia é que tanto o aspecto textual, mais explícito nas mensagens, quanto o cultural, mais implícito, conjuntamente indicam o que “está em questão” ou qual é o enquadramento dos *media* sobre determinado assunto. Propõe-se que os enquadramentos podem ser encontrados através de elementos específicos, que, quando aparecem reunidos, dizem dos *frames* da mídia. Esses elementos são extraídos da opção conceitual feita sobre os enquadramentos e que propiciam uma análise indireta dos *frames*.

Palavras-chave: enquadramento; metodologia; debate mediado

Abstract: From the examination of the state of the art of framing analysis in communication and politics areas, this paper aims to present methodological ways to the analysis of frames in mediated debate about public concerning matters. The idea is that both textual, more explicit in messages, and cultural, more implicit, aspects point out what is “at stake”, or what is the media's frame regarding a specific subject. We consider that frames can be found by specific elements which, when appearing together, describe the frames of the media. Such elements are extracted from the conceptual option concerning the frames, allowing an indirect analysis about frames.

Keywords: frame; methodology; mediated debate

¹ Este artigo é um dos vencedores do prêmio Destaque Ecomig 2009 (<http://www.fafich.ufmg.br/ecomig/>). O Ecomig é o encontro dos cursos de Pós-Graduação em Comunicação do Estado de Minas Gerais, que reuniu docentes e discentes da UFMG, UFJF e PUC-Minas. No evento, os participantes dos sete grupos de trabalho selecionaram o texto de destaque de seu GT. Os sete textos foram enviados – sem nome ou instituição dos autores – para uma junta acadêmica, composta pelos professores: Maria Ângela Matos (PUC-Minas), Paulo Roberto Figueira Leal (UFJF) e Bruno Leal (UFMG), que selecionou os três melhores.

² Mestranda (PPGCOM /UFMG). Membro do grupo de pesquisa EME e bolsista da Capes. Email: carolina.vimieiro@gmail.com.

³ Mestranda (PPGCOM /UFMG). Membro do grupo de pesquisa EME e bolsista da Capes. Email: marceladantasl@yahoo.com.br.

A idéia de enquadramento tem ganhado bastante proeminência nos estudos da comunicação, sobretudo entre aqueles que se dedicam a analisar as relações entre a comunicação e os processos políticos. Mas, apesar de o termo ter atingido um nível de popularidade, ainda permanece uma certa indefinição conceitual e uma falta de sistematização metodológica entre os estudos sobre o tema. Vêm daí então as principais críticas a essa corrente de estudos. E essas críticas são bem fundamentadas. A impressão que temos quando se faz um apanhado das publicações sobre o tema é de que o conceito é utilizado de maneiras muito díspares (mesmo quando remetendo a uma mesma tradição teórica) e que, metodologicamente, os resultados das pesquisas poderiam ser diferentes caso outros pesquisadores as tivessem conduzido. Ou seja, há uma tamanha falta de sistematização que as tentativas de aplicação empírica parecem cair em um subjetivismo extremado.

Logicamente, essa indefinição, tanto conceitual quanto metodológica, não é ignorada pelos pesquisadores. Existem muitos esforços no sentido de delimitar de forma mais consistente vertentes que trabalham diferentemente com o mesmo conceito (Zhongdang; Kosicki, 2001; Porto, 2004; Scheufele; Tewksbury, 2007; Maia et al., 2008; Reese, 2001). E também não faltam estudos que tentam estabelecer parâmetros metodológicos mais sistemáticos para o desenvolvimento da *frame analysis* (Matthes; Kohring, 2008; Tankard, 2001). Isso porque menos do que exatamente uma falta de definição conceitual, o que existe nos trabalhos que abordam a temática do enquadramento é justamente uma multiplicidade de conceitos que acabam por dar a impressão de imprecisão.

De forma geral, os trabalhos que abordam a temática do enquadramento na comunicação o fazem de duas maneiras: para falar dos enquadramentos da mídia (*media frame*) e dos enquadramentos da audiência (*thought frame*, *individual frame* ou *frame effects*). Essas duas correntes maiores se subdividem, de forma que nem todos que estudam os enquadres da mídia o fazem do mesmo modo e nem todos os trabalhos que abordam os enquadramentos da audiência dizem da mesma coisa. Neste trabalho, pretendemos olhar para os enquadramentos da mídia, em especial, para o que chamamos de debate mediado sobre temáticas de concernência pública. Aqui, analisaremos conceitualmente as possibilidades de se compreender este tipo de debate e optaremos por aquela definição de *frame* que possui maior afinidade com as premissas teóricas das quais partimos.

Entendemos que os meios de comunicação fazem parte do processo pelo qual as questões culturais são produzidas (Gamson; Modigliani, 1989). Nesse sentido, ao olharmos para o debate público que tem lugar nos *media*, pensamos que ele deve ser compreendido tendo-se em vista que a mídia é uma instituição que está inserida nas estruturas da sociedade de forma sistêmica (Maia, 2006). Mídia e social estão imbricados, há uma relação simbiótica. A mídia é vista numa relação circular com as dinâmicas sociais. Desta forma, apontaremos uma definição conceitual para a idéia de enquadramento que leva em conta tal premissa, e, a partir dessa definição, nosso objetivo é indicar como podemos

operacionalizar a *frame analysis* de forma a propiciar uma harmonia entre quadro conceitual e operadores analíticos em pesquisas dessa natureza.

Frame: do quê estamos falando?

De forma geral, toda a gama de estudos dessa linha de pesquisa é fortemente influenciada pelo trabalho do sociólogo Erving Goffman (1974). Baseado nos trabalhos de autores da tradição fenomenológica, sobretudo Gregory Bateson, Goffman desenvolve a primeira articulação conceitual mais sistemática sobre o que seriam os *frames*. Segundo Goffman (1974), os enquadramentos são quadros de referência geral, construídos socialmente, que são acionados pelas pessoas para dar sentido aos eventos e às situações sociais. Para o autor, então, enquadrar envolve a organização da realidade, o que permite aos indivíduos “localizar, perceber, identificar e rotular um número aparentemente infinito de ocorrências concretas” (Goffman, 1974: 21). Dessa forma, os enquadramentos auxiliam as pessoas na própria ordenação da realidade percebida, na medida em que tornam cognoscíveis uma infinidade de eventos que dificilmente seriam processados caso não se recorresse ao *framing*. Assim, o ato de enquadrar é visto como a forma como os atores sociais agem e interagem para criar formas organizadas de entendimento do mundo.

Além da sociologia de Goffman, também são fontes importantes para a estruturação do conceito de enquadramento, trabalhos desenvolvidos por correntes da psicologia cognitiva. Aqui, destacam-se, sobretudo, os estudos de Kahneman e Tversky (1984). Os autores examinaram como distintas formas de apresentação de cenários essencialmente idênticos influenciam as escolhas das pessoas e suas avaliações sobre as alternativas disponíveis⁴. Os estudos de Goffman (1974) e de Kahneman e Tversky (1984) marcam as origens do conceito e são referências para os trabalhos que são desenvolvidos na comunicação, inclusive entre aqueles que se dedicam aos *media frames*.

Os enquadramentos dos *media* têm sido compreendidos de duas formas: num enfoque mais restrito, os enquadramentos dizem da formatação, da disposição das mensagens, dos diversos recursos visuais e verbais utilizados na

⁴ O estudo, realizado através de experimentos controlados, consistia na apresentação aos participantes de uma dada situação de crise em que era preciso optar entre alternativas de ação. Em um experimento, eles criam uma situação imaginária em que os EUA teriam um surto de uma doença desconhecida, proveniente da Ásia. Dois programas alternativos são então apresentados aos participantes: o primeiro salvaria 200 pessoas e, no segundo, haveria 1/3 de probabilidade de 600 pessoas serem salvas e 2/3 de que nenhuma seria. As pessoas eram, então, chamadas a escolher entre os dois programas. Neste experimento, 72% escolheram o primeiro e 28% o segundo programa. Num segundo experimento, opções idênticas eram oferecidas para a mesma situação, porém enquadradas de maneira diferenciada. Neste, o primeiro programa era apresentado como o em que 400 pessoas morreriam. O segundo programa era aquele em que haveria 1/3 de probabilidade de que ninguém morreria e 2/3 de que 600 pessoas morreriam. Nesse segundo experimento, apesar de na essência as opções serem idênticas às do primeiro experimento, a primeira opção foi escolhida por 22% e a segunda por 78%.

apresentação de uma notícia. Segundo Entman (1993), enquadrar envolve essencialmente seleção e saliência. Nesse sentido,

Enquadrar é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicacional, de forma a promover uma definição particular para o problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento (Entman, 1993: 52, itálico no original) (tradução nossa).

O termo saliência, aqui, merece ser definido. Ele diz respeito à idéia de fazer uma parte da informação mais notável, significativa ou memorável para a audiência. Nesse sentido, textos podem fazer algumas informações mais salientes pela colocação ou repetição ou por associá-las a símbolos culturalmente familiares. Entman (1993) recorre ao trabalho de Kahneman e Tversky (1984) para demonstrar como os *frames* selecionam e chamam a atenção para aspectos particulares da realidade descrita, o que significa que, simultaneamente, eles tiram a atenção de outros aspectos. Nesse sentido, o autor está especialmente preocupado com o fato de que a exclusão de alguns aspectos da realidade também pode definir o que é um enquadramento.

Outros autores definem o enquadramento com base em formas narrativas ou modelos não substantivos. É o caso, por exemplo, de Iyengar (1991) ao diferenciar enquadramento episódico (com foco em eventos) do temático (aquele que destaca o contexto analítico mais geral). O autor se preocupa especialmente com os processos de estruturação da informação e parte da definição de que “enquadramento se refere a súbitas alterações em proferimentos ou nas apresentações de julgamentos ou escolha de problemas” (Iyengar, 1991: 11) (tradução nossa). Como afirma Maia et al.,

Nesta acepção, confere-se destaque aos recursos de produção da notícia e estruturação de sentido – através de mecanismos de seleção e ênfase, de construção de pistas e rótulos – que produzem direcionamentos interpretativos (“bias”) manifestos nos textos dos *media*. (2008:2)

Essa perspectiva traz contribuições efetivas ao demonstrar como a estrutura da mídia cria, rotineiramente, certos tipos de frames e exclui outros. Porém, como indica Reese, “o enquadramento deve nos lembrar que o conteúdo [e sua estruturação] é apenas a ponta de um enorme iceberg” (2001: 17). O autor chama atenção para esse aspecto para não cairmos no perigo que ronda os trabalhos que se debruçam apenas sobre a estruturação da mensagem: a de que voltemos facilmente ao modelo informacional. Maia et al. também menciona tal perigo ao afirmar que os estudos que trabalham apenas com esse enfoque restrito tendem a “tomar as práticas dos agentes dos *media* e a construção dos ‘direcionamentos’ como fruto da vontade ou da consciência individual” (2008: 2), o que pode levar a um individualismo metodológico.

Uma outra forma então de olhar para os enquadramentos da mídia seria entendê-los como processos de construção de sentidos baseados na cultura, que dizem menos do individual e mais do social. Aqui, os enquadramentos são

tratados como esquemas interpretativos, chaves de sentido, que organizam as interpretações coletivas ao associar elementos da realidade social. Ou seja, os *frames* são as idéias organizadoras centrais que indicam sentidos para os eventos relevantes e sugerem o que está em questão (Gamson; Modigliani, 1989). Nesse mesmo sentido, Gitlin afirma que

Media frames são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, pelos quais aqueles que têm a produção simbólica em mãos rotineiramente organizam o discurso, seja ele verbal ou visual. Enquadramentos possibilitam que os jornalistas processem altos níveis de informação rapidamente e rotineiramente: para reconhecer algo como informação, alocar em categorias cognitivas, e empacotar para transmitir eficientemente para suas audiências. (1980: 7, itálico no original) (tradução nossa).

Zhongdang e Kosicki (2001), que também optam por essa acepção, trabalham com a idéia de que os *frames* têm uma função de definir os limites (*boundary-defining function*) de uma dada questão. Nesse sentido, os enquadramentos podem ser vistos como recurso para uma “construção comunitária”, comunitária aqui dizendo de um grupo com limites transitórios e construídos discursivamente. É nesse mesmo caminho que Reese afirma que os enquadramentos são “princípios de organização que são socialmente compartilhados e persistentes pelo tempo, que trabalham simbolicamente para significativamente estruturar o mundo social” (2001: 11, itálico no original) (tradução nossa).

Nessa linha de pensamento, os enquadramentos dizem menos das disposições individuais dos jornalistas e outros profissionais dos *media* e mais de sentidos compartilhados socialmente. Esses sentidos ultrapassam a cobertura de eventos específicos e têm relação com “esquemas interpretativos” mais gerais que podem ser captados tanto na mídia quanto em outras arenas discursivas. Ou seja, os *frames* não são uma especialidade da mídia – apesar da mídia ter suas especificidades ao enquadrar os eventos, como indica a primeira corrente dos *media frames* apresentada. Os enquadramentos são construtos sociais, articulados por meio do discurso, que circulam pelo ambiente social e que podem se manifestar e, logo, serem analisados, em diversos âmbitos. Como bem esclarece Maia et al. (2008), essa forma de compreender os enquadramentos é bastante útil para se entender o fenômeno de construção de sentidos de modo mais geral, fenômeno esse que se desdobra por diversos planos analíticos. Os autores reiteram que essa perspectiva dá a ver que os processos de enquadramento são complexos e não podem ser explicados apenas por estruturas textuais e pela formatação das mensagens.

A perspectiva dos enquadramentos como princípios organizadores é importante para compreendermos que os *frames* que encontramos na mídia são fruto das dinâmicas sociais, do “jogo” discursivo em que se envolvem os atores sociais para a construção da realidade social. Eles dizem sim de forças sociais e de poder político. Mas não exatamente do poder que se corre o risco de dar aos “produtores simbólicos” no caso de apenas se considerar a dinâmica intertextual. Os próprios jornalistas e outros produtores de conteúdo midiático

estão imersos nesse pano de fundo cultural que os transpassam e que eles também ajudam a construir. Nesse sentido, as mensagens, em determinados momentos, dizem de escolhas individuais, mas de escolhas que são feitas com base no mundo significativo do qual eles fazem parte e o qual eles participam da construção. Assim, os enquadramentos encontrados na mídia precisam ser analisados tendo em vista essa dinâmica que se estabelece entre os meios e a vida social, dinâmica essa marcada pelo imbricamento, pela circularidade (Maia, 2006; França, 2006; Castro, 2006).

Isso não quer dizer que adotaremos essa perspectiva social do *framing* e que a primeira abordagem dos *media frames* será ignorada. Como ressaltamos acima, os estudos que se detém à estruturação das mensagens trazem contribuições importantes para o desenvolvimento da *frame analysis*. Nossa opção aqui é menos a de estabelecer conceitualmente o que é enquadramento, tentando solucionar essa dispersão conceitual (Entman, 1993), e mais colhermos os frutos que as diferentes formas de trabalhar com o conceito têm a oferecer (D'angelo, 2002), especificamente para analisarmos o tipo de debate que indicamos no início do texto, sobre temas de concernência pública. Dessa forma, partimos da concepção que entende os enquadramentos como “esquemas interpretativos” baseados na cultura, mas não deixaremos de olhar para as estruturas das notícias buscando indícios que possam nos falar sobre os *frames*. Nesse sentido, a definição de Reese (2001), citada acima, parece-nos a mais interessante para trabalharmos, já que ele destaca tanto o textual quanto o contextual. Ao afirmar que os “frames são princípios de organização que são socialmente compartilhados e persistentes pelo tempo, que trabalham simbolicamente para significativamente estruturar o mundo social” (Reese, 2001: 11, *itálico no original*), o autor destaca seis características que se manifestam nos enquadramentos e que devem ser levadas em conta nas pesquisas sobre o tema. No próximo tópico, explicaremos cada uma delas e como elas podem ser observadas de forma a contribuir para a identificação dos enquadramentos da mídia.

Caracterizando os enquadramentos

Reese (2001) aponta seis características relacionadas aos *frames* que podem auxiliar na compreensão de como eles funcionam no mundo social. São elas: 1) *organização*, 2) *princípios*, 3) *persistência*, 4) *compartilhamento*, 5) *simbolismo* e 6) *estrutura*.

1) O autor afirma que os enquadramentos *organizam* a realidade social de duas maneiras principais: cognitivamente e culturalmente. A organização cognitiva tem relação com as conclusões dos estudos de Kahneman e Tversky (1984), citados acima. Conforme Reese, “a organização cognitiva dos frames nos convida a pensar sobre os fenômenos sociais de uma certa forma, freqüentemente através do apelo a tendências psicológicas básicas” (2001: 12). Já ao organizar culturalmente a realidade social, os *frames* nos encorajam a buscar os entendimentos culturais, indo além da informação imediata. Ou seja, cognitivamente fazemos apostas em determinadas mensagens de acordo com

tendências psicológicas. Logo, por exemplo, a tendência na escolha entre sentenças sinônimas que enfatizam perdas ou ganhos é por esta última. Culturalmente, os *frames* organizam camadas de sentidos que são acionadas em determinados contextos. Daí que, além da informação em si, imediata, que pode ser formatada enfatizando um dado aspecto ou outro – negativos e positivos, mortes ou vidas salvas, etc. –, a mensagem carrega consigo uma carga semântica que é acionada conforme o contexto cultural onde se dá a comunicação. Como afirma Reese (2001), o termo “Guerra Fria”, por exemplo, contém uma vasta gama de formas de entender e representar as relações internacionais que vai além do fato de formatar uma mensagem sobre o assunto de uma forma ou outra.

2) Os *princípios* que Reese (2001) menciona têm relação direta com a organização cultural indicada acima. Eles dizem do caráter abstrato que os *frames* têm. Segundo o autor, o enquadramento não é a mesma coisa que sua manifestação simbólica, o que significa que na *frame analysis* é preciso ir além dos atributos superficiais e compreender o princípio que gera uma forma de enquadrar específica. Reese afirma que “isso sugere que devemos inferir o princípio organizador do discurso da mídia, o qual é um conglomerado de idéias organizadoras interligadas e em competição” (2001: 14). Aqui, cabe ressaltar também a idéia de associação, que está implícita na idéia de princípios organizadores. Basicamente, o *frame* funciona através de associações de sentido. Quando usamos o termo camadas de sentido nos referimos a essa rede de sentidos, que organiza e estrutura um enquadramento.

Para explicar essa mesma dinâmica, Gamson e Modigliani (1989) utilizam-se da idéia de “pacotes interpretativos” (*interpretative packages*). Para os autores, os “pacotes” têm uma estrutura interna que abriga, no centro, uma idéia organizadora central, ou seja, o *frame*. Esses “pacotes interpretativos”, de acordo com os autores, oferecem um número de símbolos condensados que sugerem o cerne do enquadramento. Assim, seria possível revelar o pacote como um todo através das metáforas, slogans ou outros dispositivos simbólicos (*symbolic devices*) que encontramos nos textos. Resumidamente, os “pacotes interpretativos” são agrupamentos formados por determinados dispositivos simbólicos e que têm como cerne, como essência, o enquadramento, que seria um princípio abstrato e geral. Dessa forma, é possível permitir um certo nível de controvérsia mesmo entre aqueles que compartilham um mesmo *frame*, já que a idéia central sempre está presente, todavia os pacotes implicam uma faixa de posições mais do que um único grupo fechado de símbolos.

Assim, através dos dispositivos é possível organizar os pacotes, que têm, então, como essência, no cerne, o enquadramento. Essa idéia é importante para compreendermos como o enquadramento funciona, se materializa discursivamente, e também é de extrema valia para construirmos nossa proposta metodológica para a operacionalização da *framing analysis*. Além disso, é interessante para discutir um outro aspecto levantado por Reese (2001) acerca dos enquadramentos, o fato deles trabalharem simbolicamente.

3) O que chamamos aqui de *simbolismo* se refere a “como eles estão manifestos e são comunicados em suas várias formas, através de qualquer combinação de dispositivos simbólicos” (Reese, 2001: 16). O autor indica que os textos da mídia representam a evidência mais prontamente disponível dos *frames* e, sendo assim, a criação de indicadores verbais e visuais pode ser útil. Alguns autores vêm tentando transformar a *frame analysis* em um trabalho mais sistemático, com a criação de categorias para se tentar apreender os enquadramentos e seus princípios organizadores. Certamente, como dissemos, por mais que não possamos nos restringir à análise dos símbolos, isso não significa que eles não nos dão indícios do que Gamson e Modigliani (1989) chamam de “cultura de uma temática”.

4) Outra característica apontada por Reese (2001) para os enquadramentos é a *persistência*. Nesse sentido, Gamson e Modigliani (1989) são úteis novamente quando eles comparam o conteúdo de um discurso à idéia de processo de valor agregado. Segundo os autores, o discurso é sempre o resultado de uma dinâmica, em que novos eventos vão sendo interpretados de tal forma que eles podem criar novos enquadramentos ou fazerem parte já de um enquadramento em curso. Para fazerem parte desses enquadramentos já em curso, os pacotes precisam conter uma interpretação para o evento que seja consistente com o enredo daquele enquadramento. Ou seja, à medida que as interpretações ainda são válidas, dão sentido para os eventos, os enquadramentos persistem, ainda que, como dissemos, eles suportem níveis de controvérsia em termos internos, ou nos “pacotes interpretativos”.

Nesse sentido, os pacotes declinam ou ganham proeminência e são constantemente revisados e atualizados para acomodar novos eventos. Como os enquadramentos são vistos aqui como construtos sociais baseados na cultura e como idéias abstratas, eles ganham esse caráter de persistência, uma vez que não são analisados como manifestações individuais, mas sim entendimentos coletivos, que não são estáveis, mas também, justamente por se tratarem de construções discursivizadas e compartilhadas, não desaparecem de uma hora para outra. Eles se tornam enquadramentos na medida em que se repetem e, com isso, constroem um repertório de dispositivos simbólicos que formam um pacote interpretativo para aquela dada questão.

5) Essa questão da persistência chama para o debate outro aspecto apontado por Reese (2001): o fato de o enquadramento envolver o *compartilhamento*. Segundo o autor, uma vez que a utilidade dos *frames* se encontra no fato deles serem compartilhados e de seus dispositivos organizadores serem notáveis, é preciso questionar então quão compartilhados eles são. De certa forma, é isso que Gamson e Modigliani (1989) fazem ao analisar o discurso público mediado sobre a questão do poder nuclear da década de 40 até o final dos anos 80. Os autores examinam a “dança” dos enquadramentos tendo como marcos episódicos para a análise as bombas jogadas sobre Hiroshima e Nagasaki, em 1945, o acidente nuclear em Three Mile Island, nos EUA, em 1979, e o desastre de Chernobyl, na Ucrânia, àquela época parte da União Soviética, em 1986. Eles percebem que no início da amostra o pacote interpretativo do “progresso” (*progress*) era amplamente

dominante, o que nos leva a crer que era profundamente compartilhado à época. Com o decorrer dos eventos, os autores percebem que essa proeminência decai com o surgimento de pacotes anti-nucleares, como o “caminho da simplicidade” (*soft paths*), o da “accountability pública” (*public accountability*) e o “não produtivo” (*not cost effective*). Ao final, o que se vê, segundo os autores, é o surgimento de um novo pacote dominante, o fatídico “fora de controle” (*runaway*). Assim, torna-se perceptível que de amplamente compartilhado nas décadas de 40, 50, 60 e 70, o pacote do “progresso” perde força já que não conseguia dar interpretações para os novos eventos que sucediam. Com isso, o pouco compartilhado pacote “fora de controle” passa a ser largamente compartilhado, uma vez que os novos eventos acabam por levar a atitudes mais receosas do que progressistas. Como afirma Reese,

(...) Os enquadramentos podem ser considerados como sempre em um processo de ganhos ou perdas em valor organizatório – e são adotados e abandonados de acordo com isso. Daí que os enquadramentos variam em algum dado momento no número de pessoas que podem achá-los úteis e compartilhá-los. (2001: 15) (tradução nossa).

6) Por fim, a idéia de *estrutura* diz dos padrões que o *frame* cria no mundo social, padrões esses que são constituídos por vários dispositivos simbólicos. Para explicar a forma como os enquadramentos estruturam, Reese (2001) cita como exemplo um enquadramento que pode não “emplacar” em um primeiro momento, mas, posteriormente, pode ganhar em complexidade e coerência. Foi o caso, por exemplo, do pacote “fora de controle” do estudo de Gamson e Modigliani (1989). Se quando ele surge, em época anterior ao acidente de Three Mile Island, ele tem pouca força, aparecendo apenas em cartoons da época, sem recorrência em revistas, notícias de TV ou colunas de jornais – material analisado pelos pesquisadores –, após o desastre de Chernobyl ele passa a dominar a “cultura temática” sobre o poder nuclear. Ele ganha em complexidade e coerência diante nos novos eventos, já que as sugestões de sentido deste pacote eram condizentes com esses novos episódios. Como os autores citam, a utilização da conhecida imagem das torres de resfriamento das usinas nucleares reforçava, por exemplo, esse enquadramento. Além dessa imagem, o pacote deixou de ser apenas a atitude resignada de alguns pessimistas quanto à energia nuclear para se tornar condizentes com os novos episódios. Os temas, por exemplo, que ganhavam espaço no noticiário, como a “confusão das autoridades” e os “efeitos invisíveis da radiação”, também impulsionavam tal interpretação. Enfim,

A metáfora do enquadramento chama nossa atenção para essa estrutura – como os princípios de organização criam um “pacote” coerente através da combinação de símbolos, dando a eles relativa ênfase e os vinculando a amplas idéias culturais. (Reese, 2001: 17) (tradução nossa).

Nesse sentido, o autor reafirma a necessidade de se pensar no enquadramento em termos de um “pacote interpretativo”, assim como Gamson e Modigliani (1989). Dessa forma, reforça-se a idéia de que os enquadramentos

têm um método associativo de atuação, sendo necessária a análise de diversos dispositivos simbólicos e dos princípios organizadores para se compreender os *frames*. Na próxima seção, apresentamos quais os elementos que acreditamos que, a partir de tal conceituação, podem indicar os enquadramentos presentes nos textos midiáticos.

Elementos dos frames

A partir da noção de “pacote interpretativo”, acreditamos que os enquadramentos se manifestam nos textos midiáticos através de diferentes elementos ou dispositivos simbólicos, assim como apontam Gamson e Modigliani (1989). Ou seja, partimos do que Matthes e Kohring (2008) afirmam sobre enquadramento:

(...) Nós entendemos um enquadramento como um certo padrão em um dado texto que é composto por diversos elementos. Esses elementos não são palavras, mas componentes ou dispositivos dos enquadramentos previamente definidos. Ao invés de codificar diretamente o enquadramento como um todo, nós sugerimos partir o enquadramento em seus elementos isolados, os quais podem ser mais facilmente codificados em uma análise de conteúdo. Depois disso, uma análise dos agrupamentos desses elementos deve revelar os enquadramentos. Isso significa que quando alguns elementos agrupam-se sistematicamente de uma forma específica, eles formam um padrão que pode ser identificado através de diversos textos em uma amostra. Nós chamamos esses padrões de enquadramentos. (Matthes; Kohring, 2008: 263) (tradução nossa).

Esses elementos indicados pelos autores nos parecem bem similares à ideia de “pacote interpretativo” de Gamson e Modigliani (1989). Porém, Matthes e Kohring (2008) avançam na sistematização da análise, indicando não só operadores, como a forma como são encontrados os *frames*: através de algoritmos de agrupamento. Essa é uma análise indireta dos enquadramentos, o que destaca a importância de se identificar quais elementos desses “pacote” são importantes para indicar qual o princípio abstrato que está por trás daqueles textos. Matthes e Kohring (2008) indicam a importância, para esse tipo de análise, de um conceito de enquadramento que dê conta de fornecer definições operacionais dos elementos dos *frames* de forma clara. Eles partem da definição dada por Entman (1993) citada acima, já que eles acreditam que esses elementos indicados pelo autor dão conta de caracterizar o enquadramento. Assim, na análise, os elementos que eles levam em conta para definir o enquadramento são: definição particular do problema, interpretação causal, avaliação moral e recomendação de tratamento. Contudo, eles indicam que o método não só poderia ser aplicado à definição de Entman, como a qualquer outra que indique os elementos dos *frames*.

No nosso caso, a definição de Reese (2001), apesar de não indicar claramente quais são os elementos que devem ser analisados para se encontrar os enquadramentos, pode ser explorada, estendida, destrinchada, a partir das

características dos *frames* que ele aponta, de forma a possibilitar a construção de um quadro analítico que consiga dar conta dos debates mediados acerca de temas de concernência pública.

As idéias de *princípios*, *persistência* e *compartilhamento* não nos parecem dizer de elementos dos enquadramentos que podem ser operacionalizados. Os *princípios* são a própria noção de *frame* e é justamente do caráter abstrato que os marcam que queremos nos afastar. Parece ser mais frutífero a percepção dos enquadramentos da mídia de forma indireta, através da análise dos elementos que materializam esses princípios. Quão *persistente* e *compartilhado* é um enquadramento também é possível perceber a partir do agrupamento dos textos através dos elementos de *frame* encontrados nas pesquisas empíricas. O nível de compartilhamento pode ser apreendido pela dominância ou não de determinados enquadramentos e o grau de persistência pode ser identificado através da recorrência de agrupamentos com características semelhantes ao longo dos anos que compõem a amostra. A função de *significar* ou agir de forma simbólica do enquadramento está presente em todas as categorias, já que o material de análise de estudos que se debruçam sobre os enquadramentos da mídia são os textos, as formas simbólicas explicitamente disponíveis e que podem auxiliar a desvendar aquilo que está implícito.

Parece-nos então que as funções de *organizar* e *estruturar* do enquadramento, indicadas por Reese (2001) em sua conceituação, são os aspectos que podem ser operacionalizados em indicadores ou elementos de *frame*. Quando o autor trata da *organização* ele deixa claro que os enquadramentos organizam a realidade social de duas principais maneiras: culturalmente e cognitivamente. A organização cultural por trás de um *frame* é justamente a principal preocupação de Gamson e Modigliani (1989). Os autores trabalham com a idéia de “dispositivos de enquadramento” para dizer dessa organização e operacionalizam tal idéia em cinco elementos: as metáforas, os exemplos, os slogans ou chavões, as representações e as imagens visuais. Como nossa tentativa é justamente de nos afastarmos das idéias abstratas, parece-nos útil retirar desses elementos as representações. Os outros quatro dispositivos são frequentemente acionados em matérias jornalísticas⁵ e são elementos importantes para não cairmos no perigo de reduzir as análises ao conteúdo imediato das mensagens.

⁵ No caso do objeto empírico da dissertação da qual este texto faz parte – a temática da deficiência –, pareceu interessante acrescentar mais um elemento que atua na organização dos valores culturais nas mensagens: os termos utilizados para fazer referência à pessoa com deficiência. No nosso caso, esses termos são tratados como dizendo não de palavras aleatórias, mas termos que vão se modificando conforme a cultura da temática de modifica. Assim, menos do que atentar apenas para as palavras em si, acreditamos que os termos utilizados para fazer referência à questão indicam valores compartilhados culturalmente. Isoladamente, a nomenclatura pode não dizer nada. Mas a recorrência de determinados termos sendo acionados em notícias com determinadas imagens e metáforas, por exemplo, pode ser um elemento interessante para nos auxiliar a indicar as idéias centrais, os enquadramentos dos textos.

Já a idéia de organização cognitiva, aqui, parece-nos poder ser operacionalizada através da idéia de *script*, trabalhada por Entman (2004). O autor faz questão de diferenciar os enquadramentos dos *scripts* porque, segundo Entman (2004), esse é um termo que muitas vezes é usado como sinônimo e pode acabar por obscurecer a idéia de *frame*. Ele afirma que os *scripts* são regras padronizadas de processamento da informação que os jornalistas utilizam na cobertura de certas categorias de eventos, atores ou questões. Têm relação, assim, com o *modus operandi* do jornalismo e com esquemas que são tradicionalmente utilizados em determinadas coberturas noticiosas⁶. Acreditamos que os *scripts* podem ser a operacionalização da idéia de organização cognitiva na medida em que ligamos rapidamente determinadas temáticas a determinados *scripts*. Assim, a formatação das notícias sobre eleição como uma “corrida de cavalos”, por exemplo, revela um esquema que é acionado repetidamente para falar de um assunto e que pode auxiliar na identificação de “pacotes interpretativos”.

Com relação à idéia de *estruturação*, nos parece pertinente os elementos de Entman (1993, 2004) utilizados por Matthes e Kohring (2008), já que eles dizem dos aspectos que Reese (2001) indica como estruturantes dos *frames*. Reese (2001) fala em inclusão e exclusão de algumas idéias. Nós aprofundamos a noção e podemos dizer que a estrutura nos revela, através da inclusão e exclusão, o que está em questão, quais as possíveis causas, soluções, culpados, responsáveis, etc. Gamson e Modigliani (1989) também apostam na importância desses elementos para a identificação dos enquadramentos quando apontam como componentes da “matriz de assinatura” os “dispositivos de razão” (*reasoning devices*). Segundo os autores, as origens ou causas, as conseqüências e os apelos a determinados princípios indicados no material midiático, juntamente com os “dispositivos de enquadramento” – metáforas, exemplos, slogans, representações e imagens visuais – são os elementos definidores dos *frames*. Eles são os elementos de assinatura do modelo da “matriz de assinatura”. São eles que, de maneira condensada, sugerem a essência do “pacote interpretativo”. Assim, acrescentamos mais alguns elementos ao nosso “pacote”. São eles: a definição do problema, causas, possíveis soluções e julgamentos morais.

Matthes e Kohring (2008) subdividem a definição do problema em duas variáveis: qual o assunto ou subtópico em questão e quem é o ator social mais importante⁷. Acreditamos que essas características são importantes para a

⁶ Assim, o enquadramento "corrida de cavalo" (horse race), ou o do "conflito", ou o de "interesse humano" não são exatamente *frames*, mas sim *scripts*, que participam da construção de sentidos acerca de uma temática, ainda que não sejam a idéia central do "pacote". Esses *scripts* indicados por outros estudos podem ser variáveis na análise de debates mediados acerca de temas de concernência pública.

⁷ Novamente, na dissertação que gerou a discussão presente neste texto, no caso da definição do problema, acrescentamos mais uma variável que a nosso ver era importante para se entender os sentidos sugeridos por notícias publicadas em veículos impressos, já que toda a amostra era composta exclusivamente por material impresso. A *rubrica* sob a qual a notícia é publicada diz também desses sentidos, já que elas são

definição do problema em questão na matéria. Porém, ao invés de indicar os atores mais importantes, achamos mais apropriado apontarmos quem são os atores que têm voz na notícia. Mesmo que não se trate do ator mais importante em uma matéria, uma fonte da sociedade civil, por exemplo, ter espaço contribui para a definição dos sentidos sugeridos na notícia. Como apontam Zhongdang e Kosicki (2001), quem são as fontes do material noticioso é um aspecto importante já que cada ator social tende a empregar em suas falas convenções, normas, valores compartilhados e estabelecidos em sua “comunidade discursiva”, sendo assim, eles reproduzem eles mesmos enquanto um determinado discurso. Como os enquadramentos são construídos através das disputas de sentidos levadas a cabo por diferentes atores sociais, menos do que o indivíduo em si, o discurso que ele representa ao falar, a “comunidade discursiva” que ele reproduz, são importantes para as interpretações de uma notícia (Zhongdang; Kosicki, 2001; Dryzek; Niemeyer, 2006). Enfim, o quadro de elementos de *frame* que propomos é descrito na Tabela 1.

Tabela 1

Elementos dos enquadramentos			
N Í V E L	Organização	Cultural	Metáforas
			Exemplos
		Cognitiva	<i>Slogans</i>
			Imagens
	Estrutura	Definição do problema	<i>Scripts</i>
			Atores
		Causas	Sub-tópicos
		Soluções	
	Julgamentos morais		

Essas variáveis, assim como no caso de Matthes e Kohring (2008), podem ser indicadas através de *codebooks* precedentes à análise, retirados de outros estudos sobre enquadramento, com a ajuda de etapas indutivas. Assim como Gamson e Modigliani (1989), seria interessante a codificação das notícias a partir de determinadas variáveis pré-definidas com a ajuda da literatura sobre o assunto empírico específico – é o caso dos *scripts* “episódico” e “temático”, por exemplo – e, no decorrer da análise, novas metáforas, exemplos, entre outros elementos acionados, podem ser adicionados à lista de códigos. Nesse sentido, a opção que propomos aqui é que a lista de códigos e a codificação podem ser feitas em duas etapas: numa primeira, recolhe-se os elementos da literatura e da leitura sistemática das matérias e, na segunda, a codificação mais quantitativa é empregada.

Enfim, sugerimos que os enquadramentos não sejam identificados em si, mas sim através de variáveis menos abstratas. Os enquadramentos podem ser gerados numa terceira etapa com o auxílio de algoritmos de agrupamento. Aqui, é importante ressaltar que não estamos a indicar que esses são os elementos que

dispostas em um local ou outro conforme a essência que ela carrega.

devem ser levados em conta em qualquer análise de enquadramento⁸. A opção conceitual que se faz, como bem indicaram Matthes e Kohring (2008), leva-nos para a consideração de determinados aspectos e não de outros. Porém, ainda que se faça uma mesma opção teórica, outros elementos poderiam ser utilizados para se indicar os *frames*. Logicamente que outras características podem ser usadas para gerar os agrupamentos. Porém, ressalte-se aqui a sugestão da opção pela análise quebrada ou indireta dos enquadramentos, tendo como referência a opção conceitual feita no estudo que revela quais os elementos devem ser levados em conta na construção do quadro analítico.

Apontamentos finais

Conforme indicamos acima, nosso objetivo neste trabalho era propor um quadro analítico que possibilitasse a operacionalização da *framing analysis* no estudo de debates mediados acerca de temas de concernência pública. Sugerimos que os enquadramentos podem ser captados através de alguns elementos, que, em grupo, podem apontar padrões persistentes de sentidos sobre uma determinada temática. A junção de elementos textuais e culturais, que acreditamos se materializam discursivamente no conteúdo dos *media*, fornece o suporte para se compreender os enquadramentos de uma forma mais complexa, sem ignorar as contribuições advindas de ambas as perspectivas. Nosso intuito era, a partir das premissas acerca da relação existente entre debate mediado e os debates públicos que têm lugar na esfera pública como um todo, encontrar uma noção de *frame* condizente com tais pressupostos e então propor uma referência de análise para a apreensão dos enquadramentos midiáticos.

Tal quadro analítico aposta na identificação indireta dos enquadramentos, a partir da utilização de algoritmos de agrupamento. A partir disso, propomos quais os elementos que formariam os “pacotes interpretativos” das notícias acerca de temáticas públicas. Essa proposta parte da escassez de métodos que propiciam o mínimo de validade e fiabilidade para a *frame analysis*. A tentativa é de clarear de forma mais explícita como é possível captar nos textos da mídia os enquadramentos sem recorrer a métodos por demais subjetivos. A transformação do conceitual em ferramentas analíticas condizentes é sempre uma tarefa árdua. Nesse sentido, nosso intuito foi justamente colaborar para a construção de um quadro flexível que desse conta de apreender os *frames* através de sua materialização discursiva sem, no entanto, se resumir ao aspecto textual.

⁸ Como indicamos nas notas 5 e 7, na dissertação que gerou a formulação dessas questões discutidas nesse trabalho, acrescentamos algumas variáveis que podem não ser interessantes em outras análises de enquadramento. A variável *rubrica*, acrescentada à definição do problema, pode não ter valor para estudos que analisem a cobertura eleitoral, por exemplo, já que todo o material será encontrado nesta seção. No caso da temática da deficiência, a notícia estar localizada na *rubrica* “Política” ou na de “Saúde” pode auxiliar na identificação dos *frames*.

Referências

- CASTRO, M. C. P. S. Dilemas para a constituição do espaço público brasileiro: controvérsias midiáticas. In: MAIA, R. C. M.; CASTRO, M. C. P. E. (Ed.). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 139-152.
- D'ANGELO, P. News framing as a multiparadigmatic research program: A response to Entman. *Journal of Communication*, v. 52, n. 4, p. 870-888, 2002.
- DRYZEK, J. S.; NIEMEYER, S. Discursive representation. In: UNIVERSITY OF BRITISH COLUMBIA. *Anais do Rethinking Democratic Representation Workshop*. Vancouver, 2006.
- ENTMAN, R. M. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.
- _____. *Projections of power: framing news, public opinion, and U.S. foreign policy*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.
- FRANÇA, V. Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação. In: FRANÇA, V.; GUIMARAES, C. (Ed.). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 61-88.
- GAMSON, W.; MODIGLIANI, A. Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach. *American Journal of Sociology*, v. 95, p. 1-37, 1989.
- GAMSON, W. A. *Talking politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- GITLIN, T. *The whole world is watching: mass media in the making & unmaking of the new left*. Berkeley: University of California Press, 1980.
- GOFFMAN, E. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Cambridge: Harvard University Press, 1974.
- IYENGAR, S. *Is anyone responsible? How television frames political issues*. Illinois: University of Chicago Press, 1991.
- KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Choices, values and frames. *American Psychologist*, v. 39, p. 341-395, 1984.
- MAIA, R. C. M. Mídia e vida pública: modos de abordagem. In: MAIA, R. C. M.; CASTRO, M. C. P. E. (Ed.). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 11-46.
- MAIA, R. C. M. et al. Mídia e enquadramentos em ambientes competitivos: troca pública de razões. In: UFBA. *Anais da V Jornada de Comunicação e Democracia*. Salvador, 2008.
- MATTHES, J.; KOHRING, M. The content analysis of media frames: Toward improving reliability and validity. *Journal of Communication*, v. 58, n. 2, p. 258-279, 2008.

-
- PORTO, M. Enquadramentos da mídia e política. In: *Comunicação e política: conceitos e abordagens*. Salvador: EDUFBA/Unesp, 2004. p. 74-104.
- REESE, S. D. Prologue - framing public life: A bridging model for media research. In: REESE, S. D.; JR, O. H. G.; GRANT, A. E. (Ed.). *Framing public life: perspectives on media and our understanding of the social life*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Publishers, 2001. p. 7-31.
- SCHEUFELE, D.; TEWKSBURY, D. Framing, agenda setting and priming: the evolution of three media effects models. *Journal of Communication*, v. 57, p. 9-20, 2007.
- TANKARD, J. W. The empirical approach to the study of media framing. In: REESE, S. D.; JR, O. H. G.; GRANT, A. E. (Ed.). *Framing public life: perspectives on media and our understanding of the social life*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Publishers, 2001. p. 95-106.
- ZHONGDANG, P.; KOSICKI, G. M. Framing as a strategic action in public deliberation. In: REESE, S. D.; JR, O. H. G.; GRANT, A. E. (Ed.). *Framing public life: perspectives on media and our understanding of the social life*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Publishers, 2001. p. 35-65.